

**PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL – A RELAÇÃO EDITOR-AUTOR E SUA INFLUÊNCIA NAS PROPOSTAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Fabiana Panhosi MARSARO  
(Orientadora): Profa Dra Roxane Helena Rodrigues Rojo

**RESUMO:** Esta pesquisa de iniciação científica pretende investigar a relação entre o projeto gráfico-editorial e o projeto pedagógico de livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II no Brasil, avaliando em que medida a ação do editor pode conflitar com as propostas de ensino-aprendizagem que o autor pensou para sua obra e, de outro lado, como pode complementá-las de maneira benéfica. Através da análise comparativa de duas obras didáticas avaliadas pelo PNLD/2008, uma com parecer positivo acerca do projeto gráfico-editorial e outra com parecer negativo, pretende-se determinar de que forma as vozes<sup>1</sup> de editores e autores aparecem no livro, buscando perceber as diferenças entre um projeto gráfico-editorial bem-sucedido e um inadequado, que acaba por sobrepor-se à voz do autor.

**Introdução e Justificativa**

A escola brasileira estabeleceu uma relação de dependência com o livro didático (doravante, LD), desde que ele se constituiu tal qual o modelo que conhecemos, na década de 70 (BUNZEN E ROJO, 2005). O LD, geralmente, é a única fonte de conhecimento a qual professores e alunos têm acesso e esse “monopólio do saber” exercido por ele tem trazido à tona críticas a sua utilização, já que, em certa medida, esse tipo de material cercearia a autonomia do professor, inserindo na sala de aula questões como prazos, conteúdos de ensino pré-definidos e universais, dentre outras, segundo apontam trabalhos como os de Coracini (1999). Nesta pesquisa, não discutiremos a validade do LD como material de ensino, mas consideraremos que ele é um material presente no cotidiano das escolas brasileiras e que desempenha um papel importante no ensino-aprendizagem devendo, portanto, ser constantemente submetido à análise e avaliação, almejando melhorias que contribuirão para as edições futuras desse tipo de obra.

---

<sup>1</sup> Voz, aqui, está sendo entendida conforme o conceito de Bakhtin, 1988 [1934-35/1975].

A fim de democratizar o acesso das escolas aos livros didáticos e facilitar sua distribuição, o Ministério da Educação instituiu o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, desde 1985. Mas apenas em 1996, este Programa passou a avaliar as obras inscritas, a fim de forçar melhorias na sua qualidade, publicando trienalmente o Guia Nacional do Livro Didático, que contém resenhas das obras recomendadas pelo Programa, além de instruções para que as escolas façam melhores escolhas de seus LDs, adequando-os a sua própria realidade de ensino.

O mercado editorial, sem dúvida, está atento a essas mudanças que vem ocorrendo na política de livros didáticos, desde a década de 90. Prova disso são os dados apresentados por Batista (2003), referentes à parcela do mercado editorial ocupada pela publicação e comercialização de livros didáticos. Segundo o autor, em 1997, os LDs corresponderam a 58% do total de exemplares vendidos no mercado editorial brasileiro, ou seja, mais da metade da rentabilidade das editoras advém desse tipo de produto.

Tendo em vista essas considerações, fica claro que o LD possui hoje um *status* de produto comercial, existindo paralelamente ao seu caráter de material de ensino-aprendizagem, já que as editoras o colocam no mercado objetivando, logicamente, o lucro. Assim, podemos esperar que existam pressões por parte do mercado editorial para com os autores dos LDs na sua elaboração, já que o novo funcionamento do mercado não é mais direto, contando somente com os professores, diretores e alunos das escolas brasileiras, mas passou a ser intermediado pelos avaliadores do PNLD e pelo Ministério, fazendo com que as obras precisem se adequar aos critérios do Programa para que sejam recomendadas e, daí, escolhidas e compradas.

Trataremos o LD como um gênero secundário do discurso, de acordo com a definição que Bakhtin (2003[1952-53/1979]) dá ao conceito. Segundo Bunzen e Rojo (2005: 16), que propõem esse enfoque, ao produzir um LD “os autores de livros didáticos e outros agentes envolvidos em sua produção produzem [...] enunciados num gênero do discurso, que possui *temas* (os objetos de ensino), uma *expectativa interlocutiva específica* (professores e alunos das escolas públicas e privadas, o editor, os avaliadores do PNLD) e um *estilo* didático próprio”. As argumentações e hipóteses aqui apresentadas serão justificadas, majoritariamente, a partir dos conceitos elaborados por Bakhtin e seu Círculo. Assim, considerando conceitos bakhtianos como gênero, autoria e tema, podemos pensar nos processos que ocorrem na produção do livro didático hoje.

Primeiramente, a produção dos LDs, segundo o contexto já exposto, leva aos conceitos de autoria e co-autoria. Segundo Faraco (2005: 41), reformulando a definição de Bakhtin, “a função estético-formal de autor-criador é [...] uma posição axiológica” e “a posição axiológica do autor-criador é um modo de ver o mundo, um princípio ativo de ver que guia a construção do objeto estético e

direciona o olhar do leitor” (p. 42). Assim, o autor é um organizador daquilo que acontece no mundo e o que o caracteriza como autor não é necessariamente algo que ele inventa, mas a maneira singular como organiza, segundo sua ideologia, a linguagem e os acontecimentos da vida. Quando um autor prepara a coletânea de seu livro didático e escolhe uma notícia de jornal, descarta uma propaganda, opta por um conto e não por outro, ele está lidando com diversas vozes, que, segundo Bakhtin, são diversos pontos de vista sobre o mundo, sendo interpretados verbalmente nessa notícia de jornal, nessa propaganda e nesses contos, segundo as ideologias próprias de seus autores e suas condições de produção. Percebemos que a tendência é que o acabamento estético que o autor dá à obra, a maneira como intercala os gêneros no seu LD, os exercícios que propõe, as respostas que sugere no manual do professor, que todas essas ações acabem por reorganizar essas vozes diversas, fazendo com que, no produto final, a ideologia predominante seja a do autor e, conseqüentemente, da sua visão e proposta pedagógica para o ensino aprendizagem da Língua.

Sabemos que o editor, principalmente no contexto exposto até aqui, tem papel ativo na produção do LD. Por razões comerciais e, por vezes, pedagógicas, ele pode intervir na seleção dos textos, na escolha de imagens e ilustrações, na disposição de elementos na página, considerando custos de *copyright* ou economia na impressão, por exemplo. Acreditamos que quando o editor comprime a proposta pedagógica do autor num projeto gráfico-editorial não condizente, ele está re-neutralizando e re-homogeneizando a orquestração autoral anterior do LD. Quando isso acontece, as exigências do mercado editorial sobrepõem-se aos propósitos de ensino e valoriza-se muito mais o fato do livro didático ser produzido numa esfera mercadológica, com fins lucrativos, do que o fato de que será o principal material para o ensino-aprendizagem de milhões de alunos e alunas brasileiras.

Os trabalhos de Roger Chartier (1945/1999, 1981/2001) mostram que essa co-autoria conflituosa entre autor e editor faz parte da história do livro de maneira geral. A figura do editor, longe de ser neutra, aparece sempre em tensão com a do autor, uma vez que “um processo de leitura [pode ser] ajudado ou derrotado pelas próprias formas dos materiais que lhe é dado ler” (CHARTIER, 2001: 96). Embora não compartilhem de certas perspectivas analíticas advindas dessa teoria, que considera o livro didático como um mero suporte de textos diversos, preferindo considerá-lo como um gênero secundário do discurso, as idéias de Chartier são pertinentes para esse trabalho, pois ele defende que o “objeto impresso [...] traz em suas páginas e em suas linhas os vestígios da leitura que seu editor supõe existir neles e os limites de sua possível recepção” (CHARTIER, 2001: 96), ou seja, o tratamento que o editor dá ao texto do autor, na “mise en page”, na “mise en livre” é verificável na própria materialidade do texto e, portanto, analisável.

Este trabalho faz sentido considerando esse contexto. O processo de produção do LD é um processo de negociação entre autores e editores: “os autores e editores de LDP selecionam/negociam determinados objetos de ensino e elaboram um livro didático, com capítulos e/ou unidades didáticas, para ensiná-los” (BUNZEN e ROJO, 2005: 16). Fazer um estudo aprofundado desse processo de produção, atentando para as marcas deixadas nessa negociação, pode ser um exercício interessante para perceber-se a real influência que as exigências do mercado editorial têm sobre o LD atualmente e para avaliar se as re-neutralizações e re-homogeneizações que ocorrem, muitas vezes com vistas à economia, são prejudiciais ao ensino-aprendizagem dos alunos, na medida em que distorcem os objetivos/objetos originais da obra, ou benéficos, complementando e auxiliando a aplicação da proposta pedagógica que o LD traz.

## **Objetivos**

O objetivo deste trabalho é analisar de que forma o projeto gráfico-editorial de um livro didático dialoga com a proposta pedagógica de seus autores, buscando perceber se as escolhas do editor ajudam ou comprometem os objetivos almejados na elaboração da obra. Para tanto, escolhemos como *corpus* os LDs do 6º e 7º ano e os respectivos manuais do professor da coleção “Leitura do Mundo”, escrita por Lúcia Teixeira e Norma Discini e publicada pela Editora do Brasil e da coleção “Trabalhando com a Linguagem”, de Givan Ferreira, Isabel Cristina Cordeiro, Maria Aparecida Almeida Kaster e Mary Marques, que recebe o selo da Quinteto Editorial.

Ambas as obras foram recomendadas pelo Guia do PNLD/2008, adequando-se aos critérios curriculares propostos para o ensino da Língua. Porém, a resenha da primeira coleção destaca a inadequação de seu projeto gráfico-editorial, enquanto que a segunda coleção recebe elogios, pois “conta com um projeto gráfico-editorial de boa qualidade” (BRASIL, 2007: 102). Dessa forma, tomando as avaliações do Guia como indício e analisando um bom projeto gráfico-editorial e um inadequado, de forma comparativa, buscaremos responder nossas questões e avaliar até que ponto a ação do editor, guiada por interesses mercadológicos, pode influenciar o discurso do autor e, conseqüentemente, sua proposta pedagógica.

## Metas Semestrais

As metas para o primeiro semestre estão listadas abaixo:

1. Aprofundamento do estudo de teorias que contribuam para a execução do trabalho.
2. Avaliação qualitativa das obras da coleção “Leitura do Mundo”, buscando estabelecer relações com a teoria estudada e procurando mostrar aspectos positivos e negativos do projeto gráfico-editorial da obra em questão.
3. Análise descritiva e avaliativa de “Leitura do Mundo“, a partir das observações realizadas no tópico acima.

As metas para o segundo semestre são as seguintes:

1. Aprofundamento do estudo de teorias que contribuam para a execução do trabalho.
2. Avaliação qualitativa e descritiva das obras da coleção “Trabalhando com a Linguagem”, buscando estabelecer relações com a teoria estudada e procurando mostrar aspectos positivos e negativos do projeto gráfico-editorial da obra em questão.
3. Análise descritiva e avaliativa de “Trabalhando com a Linguagem”, a partir das observações realizadas no tópico acima.
4. Comparação qualitativa das duas obras observando a relação que seus projetos gráfico-editoriais estabelecem com suas respectivas propostas pedagógicas.
5. Considerações finais e sugestões acerca da elaboração dos projetos gráfico-editoriais das obras analisadas com o intuito de comprovar sua influência e importância no aproveitamento do projeto pedagógico idealizado por seus autores.

## Métodos

O *corpus* dessa pesquisa é formado por LDs e manuais do professor das coleções “Leitura do Mundo”, escrita por Lúcia Teixeira e Norma Discini e publicada pela Editora do Brasil, e “Trabalhando com a Linguagem”, de Givan Ferreira, Isabel Cristina Cordeiro, Maria Aparecida Almeida Kaster e Mary Marques, editada pela Quinteto Editorial, referentes ao 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II.

A escolha dessas obras foi consequência da leitura do *Guia do Livro Didático* do PNLD/2008. Buscou-se selecionar obras recomendadas pelo

Programa e que, portanto, atendessem às exigências didáticas para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no EF II. No entanto, as obras diferem na avaliação que receberam no quesito projeto gráfico-editorial. A primeira recebeu uma avaliação negativa, enquanto que a segunda teve seu projeto gráfico-editorial elogiado. Tomamos essas avaliações como indícios.

Optamos por realizar a pesquisa somente com os volumes do 6º e 7º ano para que o corpus não ficasse muito extenso e a análise dos materiais pudesse ser feita de maneira satisfatória.

O *corpus*, assim selecionado, possibilita uma análise documental comparativa que, a nosso ver, é produtiva para a pesquisa aqui proposta. Usaremos como base metodológica os estudos realizados pelo Projeto Integrado de Pesquisa *Livro Didático de Língua Portuguesa – Produção, Perfil e Circulação* (LDP-Perperfil, Grupo de Pesquisa cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq) cuja pesquisadora responsável é a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Roxane Helena Rodrigues Rojo, orientadora desta pesquisa.

Serão questões que irão guiar a análise:

1. Que elementos justificam as avaliações que os LDPs receberam no PNLD/2008 no quesito projeto gráfico-editorial?
2. Quais são os pontos de conflito e de convergência entre o projeto gráfico-editorial e o projeto pedagógico do autor?
3. De que forma o projeto gráfico-editorial das obras em questão contribui para o projeto pedagógico do autor?

Tendo respondido a essas questões, refletiremos sobre a relevância do projeto gráfico-editorial dos LDs no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e sua contribuição para que as propostas pedagógicas da obra sejam bem sucedidas. Finalmente, faremos considerações finais e propostas a fim de alertar para a importância que deve ser dada ao projeto gráfico-editorial no processo produção de LDs, tendo em vista sua influência na prática de professores e alunos em sala de aula.

## CRONOGRAMA

As etapas 1, 2, 3, 4 e 5 que aparecem neste cronograma referem-se às metas semestrais listadas anteriormente.

Etapas	2009					2010						
	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J
1	X	X				X						
2			X				X					
3				X	X			X	X			
4										X	X	X
5										X	X	X

### Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, M. M./Volochínov, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1981 [1929].
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*, 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-53/1979].
- \_\_\_\_\_. O discurso no romance. In: \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética – A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988 [1934-35/1975].
- BATISTA, A. A. G. A Avaliação dos Livros Didáticos: Para Entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). In: Rojo, R; Batista, A.A.G (Orgs.) *Livro Didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura da Escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- BRASIL, Ministério da Educação, *Guia de livros didáticos PNLD/2008 : Língua Portuguesa*, Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2007.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999 [1945]
- \_\_\_\_\_. (Org.) *Práticas da Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001 [1985]
- CORACINI, M. J. R. F. (Org.) . *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático*. 1ª ed. Campinas: Pontes, 1999.
- FARACO, C. A. Autor e autoria. In: Brait, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ROJO, R. H. R.; BUNZEN, C. Livro didático de Língua Portuguesa como gênero do discurso: autoria e estilo. In: Costa-Val, M. G.; Marcuschi, B. (Orgs.) *Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.